

desse tipo, já superado pelo desenvolvimento técnico, ainda um pouco ligado ao passado artesanal da imprensa, típico da transição para a fase industrial? Coaracy recorda: “A *Cidade do Rio* era folha vespertina. Sempre foi. O trabalho começava nas oficinas às sete; na redação, às oito. Às duas e meia da tarde, o jornal estava na rua. Havia uma corrida permanente entre a *Cidade do Rio* e a *Notícia*, a ver qual a primeira a sair, envolta no berro agudo dos garotos vendedores, para apanhar os níqueis dos primeiros fregueses. Mas não podia sair antes das duas e meia, porque só às duas corria a loteria. E as últimas páginas a imprimir ficavam já colocadas na máquina, à espera do resultado para incluí-lo. Muita gente só comprava o jornal para saber que bicho tinha dado e inspirar-se nos palpites para o dia seguinte. (. . .) O jogo do bicho tinha lugar de destaque nos jornais do tempo. Nenhum, com exceção talvez do sempre circunspecto *Jornal do Comércio*, deixava de dar os resultados e uma série de palpites. Era seção tão importante quanto é hoje a de esportes, que naquela época não existia. O Brasil ainda não era esportivo e do futebol ninguém havia ouvido falar. Mas já era bichento. A *Cidade do Rio* publicava uma complicada tabela estatística a que, na redação, chamávamos ‘o câmbio do bicho’. Referia os bichos que haviam dado no mesmo dia dos anos anteriores; nos meses precedentes, quantas vezes havia saído cada bicho e não sei mais o quê. Dessa tabela, cuidadosamente organizada por João de Oliveira, chefe da revisão, que era doutor em bicho, os jogadores calculavam probabilidades e extraíam palpites. Uma vez que eu estava de plantão, tendo necessidade de encaixar na página matéria importante de última hora, mandei retirar a tabela. Houve protesto geral e o secretário, o velho Aprígio, no dia seguinte passou-me um pito solene. O ‘câmbio do bicho’ era o maior incentivo da venda avulsa. Eu estava prejudicando a circulação do jornal” (187).

Patrocínio era consumado jornalista, ao gosto da época, entretanto: “O artigo de Patrocínio tinha essencial importância. Nesse tempo, jornal que se prezasse não dispensava o ‘artigo de fundo’. E era através dele que Patrocínio exercia a advocacia da causa, qualquer que fosse, a que, na ocasião, tivesse alugado a sua pena de mestre. O artigo sustentava a folha, a casa de Patrocínio e as suas extravagâncias. (. . .) E era sempre uma preciosa lição de estilo ou de jornalismo, de técnica de imprensa e até mesmo de português, que nos dava. A *Cidade do Rio* era uma escola. E era prazer trabalhar com ele. Prazer tão grande que compensava a exigüidade dos ordenados e ainda a irregularidade dos pagamentos, sempre atrasados, sem-